

In: (Giovani Ruffino, org.), *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza* (Palermo, 18-24 Setembro 1995). Vol. III (Lessicologia e semantica delle lingue romanze). Tübingen, Max Niemeyer Verlag.

**O *Vocabulario da lingoa de Iapam* (1603),
uma fonte inexplorada da lexicografia portuguesa.**

O património lexicográfico português é relativamente modesto, quando considerado no conjunto das grandes línguas românicas. Tem, todavia, algumas produções notáveis, que dão testemunho dos primeiros confrontos plurilingues com idiomas não europeus, e que podem ainda hoje oferecer informações preciosas para a história do português e de outras línguas. É o caso dos dois primeiros dicionários publicados e impressos no Japão, nos finais do século XVI e no início do século seguinte, que promoveram um encontro filológico original entre o latim, o português e o japonês.

O primeiro tem por título: *Dictionarium Latino Lusitanicum ac Iaponicum ex Ambrosii Calepini*, e foi publicado em Amacusa, precisamente em 1595. O segundo, que será especialmente objecto da nossa exposição, intitula-se: *Vocabulario da lingoa de Iapam com a declaração em Portugues, feito por alguns padres e irmãos da Companhia de Iesu*, e foi publicado em 1603 e 1604, igualmente em Nagasáki.

Entretanto, antes de apreciarmos este *Vocabulario da lingoa de Iapam com a declaração em Portugues*, e de anotarmos alguns dos seus méritos dicionarísticos e bem assim os aspectos que fazem dele uma fonte extraordinariamente valiosa para o estudo da diacronia lexical portuguesa, não podemos deixar de acrescentar uma breve consideração sobre o quarto centenário, que este ano justamente se completa do primeiro destes monumentos lexicográficos. Para mais explícita identificação, transcrevemos toda a página de rosto:

Dictionarium Latino Lusitanicum ac Iaponicum ex Ambrosii Calepini volumine depromptum: in quo omissis nominibus propriis tam locorum quam hominum, ac quibusdam aliis minus usitatis, omnes vocabulorum significationes, elegantioresque dicendi modi apponuntur: in usum et gratiam Iaponicae iuventutis, quae Latino idiomaticam operam nauat, necnon Europeorum, qui Iaponicum sermonem addiscunt. In Amacusa in collegio Iaponico Societatis Iesu. Cum facultate Superiorum. Anno M.D.XCV.

Esta remota edição de um Calepino trilingue (oferecido em 1595 à juventude japonesa, que se esforçava por aprender o latim, e aos europeus que pretendiam aprender a língua japonesa), com as suas entradas em latim e as respectivas equivalências em português e em Japonês, constitui um dos mais significativos gestos de reprodução da cultura greco-latina e especialmente da cultura e da ciência românica no extremo da Ásia, e é, sem dúvida, um dos episódios memoráveis da história da filologia e da elaboração metalinguística internacional. Parece oportuno evocá-lo neste momento, nesta reunião magna de filólogos e de romanistas.

Trata-se de um belo livro de mais de novecentas páginas que dá testemunho da definitiva intercomunicação planetária, obtida nesse prodigioso século XVI. Nele se cruzam os percursos históricos de três grandes línguas, nele se realiza, com uma inesperada eficácia, a erudição humanista, e se exercita a filologia e a lexicografia, sob a tutela, mais simbólica do que real de Ambrósio Calepino.

O famoso Dicionário de Ambrósio Calepino foi várias centenas de vezes publicado, a partir de 1502, até à segunda metade do séc. XVIII (1). Foi também centenas de vezes refeito e alterado e acrescentado e, nas diversas edições plurilíngues, propiciou o encontro e o confronto entre quase todas as grandes línguas europeias. Foi um instrumento privilegiado de toda a ciência filológica e dos estudos interlinguísticos.

Infelizmente, a língua portuguesa, sendo embora uma das poucas línguas dicionarizadas no século XVI, não teve acolhimento em nenhuma das edições europeias do Calepino, necessitou de acompanhar a língua latina até ao Japão, na sua mais longínqua viagem, desde as origens do Lácio, para obter essa consagração.

Este dicionário *Latino Lusitanicum ac Iaponicum*, que nos oferece hoje uma inesperada memória de quatro séculos, aguarda e bem merece um estudo conjunto de romanistas e de japonólogos. É uma obra de pesquisada e metódica ciência, tal como o *Vocabulario da lingoa de Iapam com a declaração em Portugues*, de que a seguir falaremos e que foi feito na mesma época. São dois monumentos que honram a lexicografia e a linguística europeias.

Para os seus autores, os missionários jesuítas, portugueses e outros (entre eles contavam-se também espanhóis, italianos, franceses e naturalmente japoneses), incansáveis estudiosos, eruditos experimentados e verdadeiros linguistas, pela sua paciente e esforçada produção dicionarística, parece oportuno deixar aqui uma reconhecida lembrança e um sentido preito de homenagem, que é certamente modesto, mas que poderá ser mais meritoriamente partilhado pelo colégio de estudiosos que neste Congresso dão continuidade à mesma tradição científica que eles levaram até ao Japão, há quatrocentos anos.

O *Vocabulario da lingoa de Iapam com a declaração em Portugues*, feito por alguns padres e irmãos da Companhia de Iesu, foi impresso em Nagasaki, na tipografia do Colégio, ao longo do anos de 1603 e 1604. (2)

São conhecidos actualmente seis exemplares remanescentes dessa edição. (3)

É um volume in 4º, com 803 páginas (659 mais 144 de suplemento) de texto dicionarístico, composto, por cerca de 35.000 entradas de formas japonesas, transliteradas em alfabeto latino e distribuídas em duas colunas por página. A cada entrada japonesa correspondem artigos, por vezes extensos, com subentradas e frases em japonês, em tipo redondo, e com as respectivas equivalências em português, estas em tipo itálico.

Na indicação de autoria omite-se qualquer referência pessoal. Diz-se apenas: "feito por alguns padres e irmãos da Companhia de Jesus". Estamos efectivamente perante uma obra de realização colectiva e de autoria difusa, feita ao longo de vários anos e com vários colaboradores.

Desde a chegada ao Japão, em 1549, os Jesuítas sentiram o "detrimento da língua" e investiram ousadamente toda a sua preparação humanista e especialmente a tecnologia da escrita, no processo de intercomunicação entre universos de línguas tão desconhecidas como o japonês, o português e o latim, formando intérpretes e agenciando vocabulários e manuais elementares de acesso à intercompreensão.

A assídua correspondência entre os missionários e a obra testemunhal do P. Luís Fróis (4) dão informação abundante sobre esta actividade. O P. Fróis refere-se várias vezes ao trabalho de elaboração de manuais linguísticos (vocabulários e gramáticas - "artes") para o estudo do latim e sobretudo para o estudo da língua japonesa. Dá notícia de um médico japonês, convertido em 1560 que, sendo "homem insigne na lingua de

Japão [...] forão suas ajudas grande meio para se poder fazer a Arte na lingua de Japão e Vocabulario mui copiozo. " (I.172/173-1560).

O próprio P. Fróis juntamente com o irmão João Fernandes diz ter começado, na ilha de Tacuxima, em 1563, "huma traça da primeira arte que se fez em Japão, ordenando suas conjugações e sintaxis, e hum pedaço de vocabulario, mas como ainda era novo na terra e tinha tão pouca noticia da lingua, não foi mais que huma previa despozissão, que depois podesse dar luz à Arte e vocabulario, que se fez dahi a perto de vinte annos. "(I.356/357-1563)

A institucionalização do ensino, sobretudo a partir de 1580, com a criação de um colégio e de um seminário, foi particularmente propícia para o aperfeiçoamento dos manuais linguísticos. Os colégios davam formação humanística, neles se praticava o latim e se ensinava o japonês aos europeus, por isso, diz o P. Fróis: "alem de se perfeioar a Arte que se tinha feita, se ordenou e fez hum copiozo Vocabulario e alguns dialogos faciles e familiares na lingua de Japão..."(III:172/173-1580).

Compreende-se assim que o *Vocabulario* publicado em 1603, seja o resultado de uma acumulação de muitas colaborações. O próprio texto fornece indícios de ter sido coligido por vários redactores. Além disso, foi aprontado para a imprensa e publicado num momento marcado pelo constrangimento e pela iminência da perseguição que deve ter acentuado a intercolaboração e o espírito colectivo. O breve prólogo é a este respeito muito esclarecedor:

"Agora que com as muitas perseguições desta Christandade vagou algum tempo mais aos Padres, & Irmãos Iapões pera reuer, & examinar melhor os Vocabularios, que estauão ja ha annos feitos posto que imperfeitamente: alguns dos que melhor sabião a lingoa de Iapão, com a ajuda tambem de alguns naturaes entendidos nella nos aplicamos com diligencia por alguns annos a examinar, acrecentar, & aperfeioar este Vocabulario."

A elevada qualidade deste dicionário poderá ter resultado das sinergias de um verdadeiro trabalho de grupo e da contribuição de saberes linguísticos complementares.

Não obstante o anonimato autoral, é possível identificar "alguns padres e irmãos da Companhia de Jesus" que estiveram indubitavelmente implicados neste empreendimento. Para além do P. João Rodrigues Tçuzu (autor de duas gramáticas do japonês), que tem sido considerado o autor principal, (5) e do P. Francisco Rodrigues (+1606) que terá sido também um dos responsáveis pela edição, (6).

Vários outros merecem também ser lembrados pela sua participação directa ou por uma contribuição mais remota no que poderemos considerar o longo percurso de elaboração.

Dentre os mais antigos, nomearemos O Irmão Duarte Silva (+1564), o Irmão João Fernandez (+1567) e o P. Gaspar Vilela (+1571) os quais, tendo embora falecido mais de 30 anos antes, terão sido os primeiros a organizar glossários do japonês. Também o P. Luís Fróis começou a compôr um vocabulário de Japonês em 1563. Colaboradores do dicionário foram, sem dúvida, os próprios japoneses, estudantes e irmãos conversos. Citaremos entre eles, o irmão Jorge de Loyola e o irmão Constantino Dourado que foram enviados à Europa para aprenderem a arte tipográfica e que, depois de regressados, poderão ter ajudado à impressão do dicionário, acrescentando a arte tipográfica à sua competência linguística. Poderão ter também colaborado no dicionário o P. António Lopes ("que sabia os costumes e lingua de Japão" - Fróis, IV, 290) e que foi superior de Nagasaki, e ainda o P. Manuel Barreto (+1620?) que redigiu, certamente pela mesma altura, um *Vocabulario Portuguez Japonico* (infelizmente perdido) e que, vivendo embora no Japão, compôs um *Vocabulário Lusitânico Latino* (enviado para Portugal em

1619) e que se conserva manuscrito, em 3 vols. na Bibl. da Academia das Ciências de Lisboa. (7)

A técnica dicionarística do *Vocabulario da lingua de Iapam com a declaração em Portugues*, revela uma apreciável qualidade e corresponde ao que de melhor se fazia na época, quer no que respeita à estruturação formal, quer no concernente à textualização lexicográfica.

A configuração bibliográfica do dicionário e a sua paginação e adequação tipográfica são notáveis. A actividade tipográfica começada no Japão em 1591, estava ainda pouco exercitada e não podia facilmente socorrer-se dos materiais e da experiência europeia, por outro lado, a composição de um dicionário exigia das oficinas tipográficas recursos muito superiores aos necessários para a publicação de um livro normal (8), e todavia, o *Vocabulario da lingua de Iapam*, se exceptuarmos alguma debilidade ou cansaço dos tipos, é um belo monumento, também como obra impressa.

Os recursos gráficos disponíveis foram adequados a uma semiótica dicionarística eficaz, ainda que muito simples, dotando o dicionário de uma realização material que pode ser considerada excelente e em que poderão anotar-se algumas características exemplares, tais como as seguintes:

- a distinção básica entre os tipos redondo e itálico é aplicada de modo exclusivo à separação entre as duas línguas - o redondo ou romano é japonês, o itálico ou grifo é português e, eventualmente também latim;

- as entradas são destacadas (identadas) com dois espaços e iniciadas com capitais;

- a referência numérica das páginas é feita por fólhos (no suplemento não se guarda qualquer notação numérica), a sequência alfabética dos dicionários e o uso de reclamos tornam redundante a paginação ou a foliação;

- o texto em colunas (duas por página, enquadradas por filetes) permite fácil legibilidade e uma desembaraçada localização do termo procurado;

- as colunas são intituladas, encimando o texto com as duas letras iniciais da primeira e da última entrada de cada página;

- a estrutura interna dos artigos, além do ponto e da vírgula é ainda apoiada por uma nítida sinalefa de paragrafação (caldeirão) que marca as subentradas e outras especificações.

A textualização dicionarística e sobretudo a informação propriamente lexicográfica do *Vocabulario da lingua de Iapam com a declaração em Portugues*, são para nós particularmente interessantes.

Salientaremos apenas alguns aspectos que nos parecem mais relevantes.

No que respeita à técnica lexicográfica, este texto dá testemunho da tradição europeia, retomando, de modo crítico o modelo de dicionários elaborados ao longo do século XVI. Opta por uma alfabetação rigorosa de todas as entradas; simplifica a sintaxe lexicográfica; sistematiza a metalinguagem e a classificação gramatical; anota as variantes linguísticas e acrescenta uma especiosa informação normativa.

A estruturação e redacção dos artigos é um dos aspectos mais meritórios do *Vocabulario* e onde mais bem se comprova a exigente preparação académica dos autores e a sua cultivada sensibilidade linguística, sobretudo no que respeita ao conhecimento da língua portuguesa. Nele se pode recolher uma informação lexicográfica copiosa, que se observa logo à primeira vista: na escolha dos exemplos, em que integra e traduz provérbios e modismos japoneses; na abundância e precisão das paráfrases; e sobretudo nos recursos de uma porfiada aproximação semântica, em que se destaca o uso abundante da hiperonímia e da expansão sinonímica.

Numa síntese de leitura poderemos assinalar entre outros, os seguintes aspectos, que devarão aconselhar o estudo deste dicionário, no âmbito da história da língua portuguesa:

1. Datação e dicionarização de muitas formas insuficientemente conhecidas - especialmente entre o vocabulário de origem oriental. ("Chicubocu, *bambu*". 93; "Yabu. *Bambual, ou canaueal*". 630; "Cacadaixo. *Modo de rir muito, ou dar grandes rizadas com caquino*". 58; "Chayen... *Chayal lugar onde esta plantado o Cha*. 92; "Axida. *Tamancos, ou chiripos*". 32; "Atama. ...*dar cutes, ou pancadas na cabeça*". 26; "Nanaco. *Madronhado que se faz no metal, nos cabos das catanas, nos relicarios*". 351; Nanacusa. *Eruas que ... cozem com Misò*". 351; "Auoda. *Hüa maneira de catre como pauiola, sobre que leuão as costas algum doente*". 30; Axicatia. *Peozes de falcão ou açor*". 32; "Xifõ. *Triquitraz ... triquitrazes*". 600; "Biacudan migaqi. *Modo de vruxar sobre dourado de madeira...*" 43; "Vruxinoqi. *Aruore que dá verniz, ou vruxi*". 577) (10)

2. Inovação e criatividade lexical - ampla exploração dos paradigmas derivacionais ("Cabacaxi... *Fazer aboloreçer, ou deixar tomar bolor. & mofo a cousa*. 57, "Yabu. *bambual*" -630, "Chôxeu. *embarcação pescareza*" -100, "Adaxiyo. *Mundo breue, & perecedeiro*" -7), com especial incidência no uso dos diminutivos ("Bonsan. *Hüa pedra, ou pao tosco que os Iapões concertão a maneira de ilheozinho com musgos verdes & algüa aruorezinha alli plantada*" -49, e ainda, entre muitos outros: "amarradosinhos ... ou cauaquinhos -504, animalinhos -228, banquinho sobre que escrevem os Iapões -701, bichinhos -228, bocetinha de mezinhas -631, bolinhos feitos de arroz -666, borboletinha -695, boyanzinho pera meter chá moido -668, cabacinha -651, caixinha -504, cestinho -708, cordinha -682, enuoltoriosinho -737, foganzinho que está no meo da casa -653, montesinho -550, paosinho -505, passarinho -663, pedaçinhos -659, peixinhos -582, penninhas -688, pontinhas dos cabelos -783, raminhos -569, taboinhas -631, torrezinha de dous sobrados -701, tratadinho -630, varinha de visco pera tomar passaros -722).

3. Latinização da língua e especialmente da ortografia ("Rusudo. *absencia*" -750, Yucaxij. *pessoa absente*" -650, "Cabuqi. *architrave*" -57, "Yutocu. *charitativo*" -801, "Qecqe. *Conta, ou computação*" -377, "Yuntaye. *fluctuando*" -801, Yucho ... *magnificencia... magnifico*" -650 Yutacani... *magnificamente*" -801).

4. Informação diacrónica sobre alguns processos de transformação da língua portuguesa, como por exemplo todo o impulso da ortografia latinizante em formas como: *nacer/nascer, florecer/florescer, sustancia/substância, confeição/confecção, fruta/fructa/fruta, dino/digno, frauta/flauta, ferosa/formosa, imigo/inimigo*, etc. Destas e de outras formas que se integram no mesmo processo de transformação, recolhe-se abundante documentação no *Vocabulario da lingoa de Iapam*. Os autores do dicionário optam normalmente pela grafia não latinizada que deveria corresponder à realização fonética da época (são excepção absoluta as formas *descendencia, descendente e dignidade*).

5. Metalinguagem cuidada e amparada no estrito conhecimento da gramática - por vezes mantendo a terminologia latina ("Yucatabira. I, Yucata, *per syncopem*" -650 / "Yugauo. *Abobora: por sincopa se chama, Yugo*" -651).

6. Rede semântica de larguíssima extensão com distribuição de hipónimos e hiperónimos que organizam e classificam o mundo da significação. O *Vocabulário* recorre a uma grande quantidade de classificadores ou designações de grupo que facilitam a integração semântica dos nomes em geral (*animal, árvore, ave ou passaro, bicho, erua, flor, fruta, iguaria, instrumrnto, marisco, mezinha, peixe, pessoa, vestido*, etc.)

7. Uma sistemática expansão sinonímica que faz desta obra o primeiro dicionário de sinónimos da língua portuguesa ("Abura. *gordura, unto, enxundia, manteiga, toucinho*"-2; "Adonai... *Homem simprez, & facil de crer, ou dizer qualquer cousa, l, desatentado, & desmormoreado*" -7; "Arisama. *Figura, feição, postura, maneira*". 24; Bacaguena. *Homem descortez, mal criado, & de pouco saber, paruo, etc.*; "Cacu. *Nori. Lei, regra, modo, ou laya... costume*" -60; "Nacadachi. *Terceiro. Casamenteiro. Alcouiteiro*" - 345, "Sacai. *Termo, ou arraya, confins, limite* -427; "Sacaime. *Termo, confins, ou remate dalgum chão, reino, ou terra, etc.*" -427; "Voconomono. *Homem liure, absoluto, mal criado, & desforado*" -552; Vzzutacai. *Cousa mais alta ou eminente. Item, Cousa alta, soberana, ou de fausto, magestade, etç.*" -582; "Yurai. *Principio, origem, ou causa.*" -652)

8. Paráfrases e textualizações, em resposta a entradas japoneses que não correspondiam ao universo verbalizado em português ou para as quais não tinha sido encontrada uma equivalência própria. Nestes micro-textos se pode observar uma curiosa exercitação da escrita cheia de riqueza expressiva, de competência linguística e de marcas históricas. Ex.: "Renjacu. *Hüa corda à maneira de silha com que huns certos bufurinhos leuão amarrada às costas hüa caixa, em que vão muitas miudezas pera vender.*" p.415.

9. Aproveitamento do âmbito derivacional de formas japonesas para exemplificar vários contextos da forma portuguesa equivalente. Ex.: "Namida. *Lgrimas. Namidauo... Chorar. Namidani... Corar muito... Derramar muitas lagrimas... Arrasaremse os olhos em lagrimas... Virem as lagrimas aos olhos... Reprimir as lagrimas... Alimpar as lagrimas... Não podendo reter as lagrimas... Escurecerem se os olhos com lagrimas... Homem facil em chorar... Homem seco, & dificil em chorar... Abundancia, ou torrente de lagrimas... Arrasaremse os olhos em lagrimas, ou ter os olhos chorosos, ou como de quem quer chorar.*" -351.

Percorrendo com alguma demora o texto do dicionário, considerando em especial a parte portuguesa, descobre-se uma língua solicitada para nomear um mundo inesperado, que se desdobra em novos recursos expressivos, que se presta a uma estimulante criatividade lexical e que revela uma quantiosa disponibilidade verbal, certamente muito superior ao número de entradas registadas nos dicionários de português dos sécs. XVI, XVII e XVIII.

Não poderemos concluir sem deixar de reiteradamente observar a dimensão humanista e o raro mérito de ciência linguística desta obra. Em pouco tempo, os missionários europeus puderam adquirir e estruturar um conhecimento linguístico exótico e distante do seu espaço cultural e do seu universo verbal. A sua preparação escolar, a disponibilidade para o gosto do saber, a erudição gramatical e plurilingue, a formação assiduamente escritural e sobretudo o culto da palavra que prolonga a tradição greco-latina e cristã devem ter facilitado este extraordinário empreendimento de investigação e de elaboração interlinguística que é, hoje cada vez mais uma condição essencial do convívio entre os humanos vários e plurilingues.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

- Adriana BOSCARO, *Sixteenth century-european printed works on the first japanese mission to Europe*, Leiden, E.J.Brill, 1973.
- Léon BOURDON, *La Compagnie de Jésus et le Japon*, Lisboa-Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1993.

- Charles Ralph BOXER, "Padre João Rodrigues Tçuzu, S.J. and his Japanese grammars of 1604 and 1620", in *Miscelânea de filologia, literatura e história cultural. À memória de Francisco Adolfo Coelho, II* (- *Boletim de Filologia*, vol.XI). Lisboa, 1950, p.338-363.
- Charles R. BOXER, *The Christian Century in Japan, 1549-1650*. Berkeley e Los Angeles. 2ª. ed., 1967.
- Charles R. BOXER, *Fidalgos no Extremo Oriente, 1550-1770*. Lisboa, Fundação Oriente, 1990.
- Aníbal Pinto de CASTRO, *De Montemor-O-Velho às ilhas do Japão, A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto e o encontro de culturas*. Coimbra, Comissão de Coordenação da Região Centro, 1993.
- Diego COLLADA, *Dictionarium sive Thesauri Linguae Iaponicae Compendium*, Roma, 1632.
- Michael COOPER, *Rodrigues the interpreter: an early jesuit in Japan and China*, Nova York, 1974.
- João Paulo Oliveira e COSTA, *Portugal e o Japão - O século Namban*, Lisboa, Impr. Nac. Casa da Moeda, 1993.
- Dictionarium Latino-Lusitanicum ac Iaponicum*. Nagasaki, 1595.
- Tadao DOI et al., *Nihongo no rekishi* [História do Japonês], Tóquio, 1964.
- Tadao DOI, *Das Sprachstudium der Gesellschaft Jesu in Japan im 16. und 17. Jahrhundert* (*Monumenta Nipponica*, 2, 1939, p. 437-465)
- Jordão de FREITAS, *Subsídios para a Bibliografia Portuguesa relativa ao estudo da Língua Japónica*, Coimbra, 1905.
- Jordão de FREITAS, *A Imprensa de Tipos móveis em Macau e no Japão nos fins do século XVI* (*Anais das Bibliotecas e Arquivos de Portugal*, Coimbra, 1915).
- Luís FRÓIS, *História de Japam*, (ed. crítica de José Wicki), Lisboa, Biblioteca Nacional, 5 vols. 1976-84.
- Armando Martins JANEIRA, *O Impacto português sobre a civilização japonesa*, Lisboa, Dom Quixote, 2ª.ed. 1988 (1ª 1970).
- Tai Whan KIM, *The portuguese element in japanese*. A critical survey with glossary. (Suplemento da *Revista Portuguesa de Filologia*), Coimbra, 1976.
- S. KODA, *Notes sur la presse Jásuite au Japon et plus spécialement sur les livres imprimés en caractères japonais* (*Monumenta Nipponica*, vol.1, p. 374-385)
- Johannes LAURÈS, *Kirishitan Bunko*, A Manual of books and documents on the early Christian Mission in Japan. 3rd revised and enlarged edition. Tóquio, 1957.
- David LOPES, *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII*, Barcelos, Portucalense Editora, 1936, -- Na p. 92 e segs. dá notícia das obras didácticas, especialmente de gramáticas e de dicionários que confrontam o português, por vezes tb. o latim com línguas orientais.
- Toru MARUYAMA, "Influência dos textos portugueses no estudo da língua japonesa medieval", in *Estudos Orientais*, III, p.151-158, Lisboa, Instituto Oriental, 1992.
- Kiichi MATSUDA, *The Relations between Portugal and Japan*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar. 1965.
- Diego PACHECO, "Diogo de Mesquita SJ, and the jesuit mission press", in *Monumenta Nipponica*, Tóquio, 26, 1971, p.431-443.
- Ernest M. SATOW, *The Jesuit Mission Press in Japan, (1591-1610)*, 1888.
- D. SCHILLING, *Christliche Druckereien in Japan (Gutenberg.Jahrbuch)*, XV, p.356-395, Mainz, 1940.
- Franz Josef SCHÜTTE, *Monumenta Historica Japoniae I*, Roma, IHSI, 1975.
- Oeanos*, - O regresso ao Japão, nº. 15, Setembro 1993

NOTAS

1)- Cf. Albert Labarre, *Bibliographie du Dictionarium d'Ambrogio Calepino (1502-1779)*, Baden-Baden, Editions Valentin Koerner, 1975.

2)-Da meia centena ou mais de obras publicadas pelos Jesuítas no Japão, entre 1591 e 1611 (conhecem-se e conservam-se ainda actualmente exemplares de 29 edições diferentes), destacam-se, no âmbito da linguística: os dois dicionários de latim / port. / japonês e de Jap. / port.; uma espécie de vocabulário de frases idiomáticas de japonês e chinês - com o título *Racuyoxu*, Nagasaki, 1598 -; uma edição da gramática latina de Manuel Álvares (Amakusa, 1594) e uma *Arte da Língua de Iapam* (Nagasaki

1604-1608) do P. João Rodrigues que, depois de revista e transformada em *Arte Breve*, foi reeditada em 1620 em Macau.

3)-Guardam-se nas bibliotecas seguintes: Convento Dominicano de Manila, Museu Britânico, Bodleiana, Nacional de Paris, Évora e Ajuda. A partir do exemplar de Oxford foram feitas reproduções facsimiladas no Japão, em 1960, 1973, 1978, todavia, algumas dessas reproduções apresentam numerosas páginas ilegíveis.

4)-*História de Japam*, (ed. crítica de José Wicki), Lisboa, Biblioteca Nacional, 5 vols. 1976-84

5)-O Prof. Boxer considera-o "one of the greatest Japonologues of all time" (1950, p.353) e "the Father of Japanese Language Studies" (1950, p.363).

6)-A questão da autoria vem sinteticamente enunciada em BOXER, "Padre João Rodrigues Tçuzu, Lisboa, 1950, p.351. O Prof. T. Doi contesta a autoria de João Rodrigues (*Das Sprachstudium*, in *Monumenta Nipponica*, vol.I, p.437-465), o P. Daniel Bartoli, na sua *História da Companhia de Jesus*, em 6 vols., publicada em Roma 1653-1675, atribui a Francisco Rodrigues a coordenação da publicação. Na recente obra de L. Bourdon (1993) inclui-se ainda, no elenco das fontes bibliográficas (p.44), o nome do P. João Rodrigues como autor do *Vocabulario*.

7)-Cota: Manuscrito azul 255 a 257. Cf. ainda: Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana* Coimbra, Atlântida Editora, 1966, t.III, p.193-194; Jordão de Freitas, *Subsídios*, 1905

8)-Exemplo do primeiro dicionário português (1562) em que se observam vários indícios das dificuldades suscitadas pela sua realização tipográfica.

9)-Não temos competência linguística para observar e comentar o interesse deste dicionário para o conhecimento da história do japonês, mas o testemunho de vários estudiosos japoneses não deixa dúvidas sobre o valioso contributo desta obra para os seus trabalhos.

10)-No momento da apresentação deste texto, o Professor Dieter Messner comunicou-nos um artigo inédito da sua autoria (a publicar in *Lusorama*, 28, Oktober 1995), com o título "Sobre dicionários portugueses antigos: uma inventariação I", onde apresenta uma lista de meia centena de formas portuguesas recolhidas neste dicionário e que nele registam a sua primeira datação na língua portuguesa. Agradeço penhoradamente a informação do Prof. Messner e assinalo com vivo regozijo mais este trabalho, entre outros muitos e muito meritórios que, da sua autoria, e por seu estudo e indústria continuam a enriquecer o conhecimento da lexicografia portuguesa.